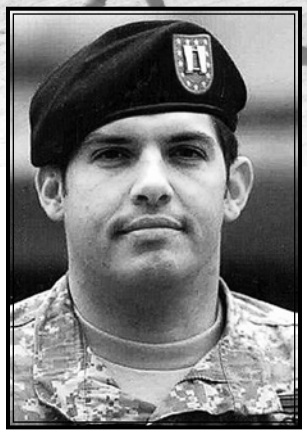
O Princípio da Navalha de Occam para Vincular Fatos:

O Partido Ba'ath e a Insurgência em Tal Afar

Capitão Travis Patriquin, Exército dos EUA

A Navalha de Occam é uma regra de ciência e filosofia que afirma que as entidades não devem ser multiplicadas sem necessidade. A interpretação significa que a mais simples de duas ou mais teorias é a preferível e que uma explanação para um fenômeno deve, em primeiro lugar, ser abordada em termos do que já é conhecido. Em outras palavras — a explicação mais simples é provavelmente a melhor.

Departamento de Defesa



O Capitão Travis Patriquin, da arma de infantaria, serviu como oficial de assuntos civis de brigada, da Primeira Equipe de Combate de Prontidão, em Ramadi, Iraque. Possui o título de Bacharel pela Universidade de Campbell e se formou na Escola de Formação de Oficiais dos EUA. O Capitão Patriquin desempenhou várias funções em unidades convencionais e Operações Especiais nos Estados Unidos, Europa, Oriente Médio e Ásia Central. O Capitão Patriquin escreveu este artigo durante seu desdobramento ao Iraque. A Military Review *agradece profundamente sua dedicação e contribuição. Em dezembro de 2006, o valente Capitão Patriquin morreu em ação no Iraque.*

EM UMA ÉPOCA que se aprecia o poder das probabilidades estatísticas, o princípio da Navalha de Occam é especialmente útil quando o acesso a todos os fatos necessários para se chegar a uma certeza absoluta é difícil, se não impossível, de obter. O problema atual no qual podemos aplicar essa regra envolve discernimento de fatores mais significantes entre os múltiplos elementos complexos que alimentam a insurgência em Tal Afar e em outros lugares do Iraque. As conclusões racionais derivadas podem ser óbvias para algumas pessoas, mas uma epifania repentina ou até uma surpresa para outros.

O Turcomano de Tal Afar

Uma boa maneira para se aplicar a regra da Navalha de Occam à situação em Tal Afar é examinar a história e a distribuição demográfica da cidade em relação à perspectiva de planejamento municipal. Tal análise expõe observações convincentes sobre a natureza fundamental da insurgência e indica os líderes mais prováveis da oposição à Coalizão e ao Governo Iraquiano.

Antecedentes étnicos. Começamos ao observar que, historicamente, a população de Tal Afar é de origem étnica 100% turcomana — não árabe.[1] O povo turcomano chegou pela primeira vez ao Iraque por meio de ondas de imigração sucessivas que acompanharam os exércitos invasores turcos. Estabelecerem-se em comunidades permanentes que se tornaram encravamentos xenofóbicos insulares. Uma suspeita geral de forasteiros continua até hoje: uma cidade com pelo menos 250.000 habitantes, Tal Afar nunca teve um hotel e não tem planos para construir um. A desconfiança turcomana de "visitantes não convidados" é uma

indicação de uma cultura estreita que não deseja e nem recebe com prazer interferência externa.

Ao contrário de grupos mais irrequietos e predominantes árabes em outras partes do Iraque, a população turcomana de Tal Afar tinha, até recentemente, uma história longa de relações comparativamente pacíficas, apesar de suas divisões sectárias. Isso ocorreu porque se consideravam parentes dentro de um grupo étnico integrado principalmente por origem e idioma, não por afiliação com qualquer seita religiosa. Como resultado, por mais de 1.300 anos, milhões de sunitas, xiitas e cristãs-assirianos turcomanos moravam lado a lado, em uma paz relativa, freqüentemente casando através das linhas sectárias, e como um grupo, permanecendo relativamente unidos contra aqueles considerados forasteiros. Por isso, o princípio da Navalha de Occam nos permite eliminar atritos étnicos e religiosos como a causa principal do conflito atual em Tal Afar. Permite-nos concluir que outras razões ou ações externas devem ter precipitado de alguma forma a insurgência.

O turcomano e a influência externa. O erro que a maioria dos pretensos ocupantes cometeu ao lidar com os turcomanos foi marginalizá-los por um lado, enquanto pelo outro, deixá-los com autonomia suficiente para evitar essa assimilação. Como resultado, um sentido de identidade étnico turcomano não apenas surgiu, mas se intensificou ao longo do tempo.

Começando com o Mandato Britânico de 1921, os administradores coloniais dividiram as terras do Oriente Médio para adequar seus interesses, envolvendo esferas de influência dos grandes poderes. Criaram um número de nações-estado traçadas arbitrariamente, principalmente para manter os povos emergentes dóceis e dependentes de suas antigas metrópoles. No entanto, os encravamentos turcomanos evidentemente foram considerados como contrários às políticas dos grandes poderes e, por isso, os britânicos não se arrependeram quando decidiram ceder o controle das regiões turcomanas ao Império Otomano. De forma semelhante, depois da 1ª Guerra Mundial, os britânicos conseguiram obter o domínio sobre o território no qual os encravamentos turcomanos sobreviveram e fizeram pouco para que os habitantes satisfizessem suas aspirações éticas independentes.

Uma conseqüência desta política foi que muitas vezes a população turcomana do Iraque lutou ferozmente contra os britânicos para expulsá-los do local que consideravam como a terra natal hereditária turcomana. Lutavam como uma frente étnica, geralmente unificada, sem importância de diferenças religiosas sectárias.

Cooptação Ba'ath

Depois da partida dos britânicos, os turcomanos curtiram um breve e relativo período de autonomia regional que continuou até a ascensão ao poder do Partido Ba'ath de Saddam Hussein. Ao contrário dos poderes coloniais, o regime de Saddam empregou medidas severas para extingüir a identidade das minorias no Iraque. Durante suas tentativas de eliminar as diferenças não-árabes em nome de um Iraque unificado, os Ba'atistas tentaram absorver os turcomanos na sociedade iraquiana.

Como os parceiros da Coalizão sabem muito bem, o Partido Ba'ath de Saddam, bem ou mal, se tornou a força sociopolítica unificante que manteve coeso o Iraque. O ba'atismo foi um movimento sectário inabalável. Dominando o país com punho de ferro por várias décadas até a queda de Saddam em 2003, os ba'atistas oprimiram brutalmente os partidos religiosos sectários para preveni-los de obstruir a formação de uma única identidade nacional iraquiana. Os ba'atistas mantinham o controle geral da população por meio de uma combinação de políticas que promovia lealdade férrea entre os membros do partido enquanto inspirava terror em todos aqueles que os contrapusessem. Os ba'atistas manifestavam sua lealdade ao partido ao executar, sem perguntas, atos cruéis e horríveis para manter o partido no poder.

A lealdade fanática dos membros ba'atistas foi somada a uma rede de inteligência interna diversa e eficiente que espionava todos os setores da sociedade iraquiana. Juntos, eles formaram uma sociedade em que assassinatos e intimidações patrocinadas pelo estado, visando eliminar a oposição política interna, se tornaram comuns. O resultado final era um Partido Ba'ath acostumado a empregar o terror doméstico como uma ferramenta "legítima" de governo e um público iraquiano traumatizado com

cicatrizes psicológicas profundas e duradouras que criaram barreiras contra a confiança e fé de qualquer governo central nos dias de hoje.

O medo do partido e de suas represálias encontra-se tão arraigado no povo iraquiano que não existe nenhuma alternativa séria sobre o assunto e, se a Coalizão não tivesse intervindo nos assuntos iraquianos, atualmente, os ba'atistas ainda estariam firmemente no controle do país. De fato, muitos iraquianos acreditam que o partido surgiria rápido e cruelmente para assumir o poder se a Coalizão partisse amanhã.

Embora os ba'atistas fossem amplamente detestados e temidos, também eram invejados por muitos, principalmente devido aos poderes e privilégios que possuíam. Assim, uma maneira eficaz de reduzir a influência da identidade das minorias étnicas era recrutar membros dessas facções no partido, por meio de ingresso no Exército Iraquiano e, depois, cooptar os mais promissores oferecendo-lhes oportunidades econômicas, status e privilégios especiais, além da habilidade de participação concedendo-lhe poder coercivo. Por meio desta política, muitos soldados recrutados da população turcomana se tornaram ba'atistas e apoiadores ardentes do governo de Saddam.

A política ajudou a desenvolver um quadro fiel de membros locais do partido de origem étnica diversa. Estes partidários eram utilizados para neutralizar os encravamentos políticos e étnicos como os dos turcomanos. Para aperfeiçoar este efeito, Saddam não promovia os soldados iraquianos étnicos a posições de alta responsabilidade baseado por mérito — a promoção aos altos postos nas forças armadas era reservada para aqueles mais confiáveis politicamente e que possuíam razões específicas para demonstrar, pessoalmente, lealdade extrema a Saddam, tais como ser um parente ou um membro íntimo de clã. No entanto, apesar dessas práticas discriminatórias, os turcomanos provaram que eram muitos bons soldados e fiéis ao regime. Freqüentemente, acabavam ocupando posições em unidades altamente sensíveis, às vezes servindo como especialistas técnicos no trato com armas especiais ou para coletar dados de inteligência interna.

Para ajudar a motivar os soldados como os turcomanos e assegurar sua lealdade, Saddam estabeleceu um sistema de extensas mordomias e privilégios para aqueles que tinham servido o governo de forma fiel. Uma dessas mordomias era o direito de morar em comunidades especialmente construídas para os ba'atistas, as quais eram servidas com amenidades e privilégios (prioridade de serviço de luz e água, etc.) não disponíveis aos iraquianos comuns. Saddam não se importava se tais privilégios pudessem estimular a ira de outros iraquianos; de fato, a animosidade e inveja criadas internamente poderiam ser vistas como um benefício positivo, desde que qualquer chance de semear divisões entre os grupos étnicos rebeldes tivesse sido vista como desejável pelo governo.

Como o equivalente a esquemas de recolonização, muitos dos soldados turcomanos ba'atistas foram recompensados com concessões de terra ou lhes dado o direito de comprá-las mais barato, para que pudessem estabelecer suas comunidades. Esses assentamentos estavam localizados estrategicamente entre as populações cuja lealdade era suspeita. Tal Afar era um lugar de assentamento turcomano.

Disputa Étnica via Planejamento Municipal

Ao se aplicar a Navalha de Occam à situação em Tal Afar é preciso entender que a introdução de políticas ba'atistas dividiu a cidade, contrapondo o norte contra o sul. Tal Afar era um importante centro urbano desde o início do Império Otomano. O estilo de construção e o plano físico das áreas lestes e sul do município continuam a refletir as prioridades das preocupações políticas e comunitárias de uma cidade medieval. O centro da cidade é um local de encontros com poços (uma lembrança de tempos passados quando a água era levada às casas por meio de canos), um mercado e recintos religiosos. As ruas que percorrem esta área são estreitas e difíceis de trafegar com veículos modernos; ficam facilmente congestionadas. A liberdade de movimento também é limitada porque as ruas originalmente foram desenhadas não para auxiliar o movimento, mas para direcionar inimigos potenciais a locais vulneráveis. Hoje, não apenas o *layout* físico no sul e no leste de Tal Afar, mas também as tendências demográficas produzidas pelo planejamento atual da cidade refletem padrões medievais de associações familiares, lei tribal e tradições sociais.

Ao contrário, a parte norte da cidade é caracterizada por um planejamento municipal próximo do moderno e um sentido cosmopolita que é amplamente refletido nas atitudes e hábitos de seus relativamente novos moradores — soldados aposentados fiéis do exército de Saddam. A grande maioria desses homens é turcomano e, depois da invasão fracassada do Kuwait, eles representavam mais da metade do segmento masculino de idade militar no norte de Tal Afar — aproximadamente 20.000 homens.

A nova localização da recente comunidade turcomana ba'atista no norte não foi escolhida por acaso; foi estabelecida propositadamente para aumentar a presença, a influência e o controle batista nas áreas-chave onde a lealdade para com o governo era suspeita. Não foi por acidente que uma comunidade de ba'atistas leais, integrada principalmente por técnicos militares altamente capacitados e que podem ser mobilizados com rapidez, foi instalada em um terreno-chave que vigia a importante estrada Mosul-Sinjar.

Os bairros ba'atistas de Hai al As'ad, Qadisayah e Hai al Bouri possuem água encanada, quarteirões quadrados e ruas amplas construídas para o tráfego de automóveis. Diferentemente, os bairros no sul de Tal Afar são heterogênicos etnicamente e com uma mistura de pontos de vista religiosos e seculares. Assim, por razões modernas e antigas, a população mais contemporânea e secular no norte de Tal Afar está em divergência em muitos níveis com a população no sul da cidade, que permanece dominada por relações tribais e religiosas arraigadas em tradições do passado. Evidentemente, as políticas de Saddam dividiram Tal Afar física e espiritualmente, proporcionando à cidade capacidade, caso necessitasse, de converter os residentes do norte em redes de agentes ba'atistas para o intento de insurgência e terrorismo armado.

Instigar Disputas Sectárias

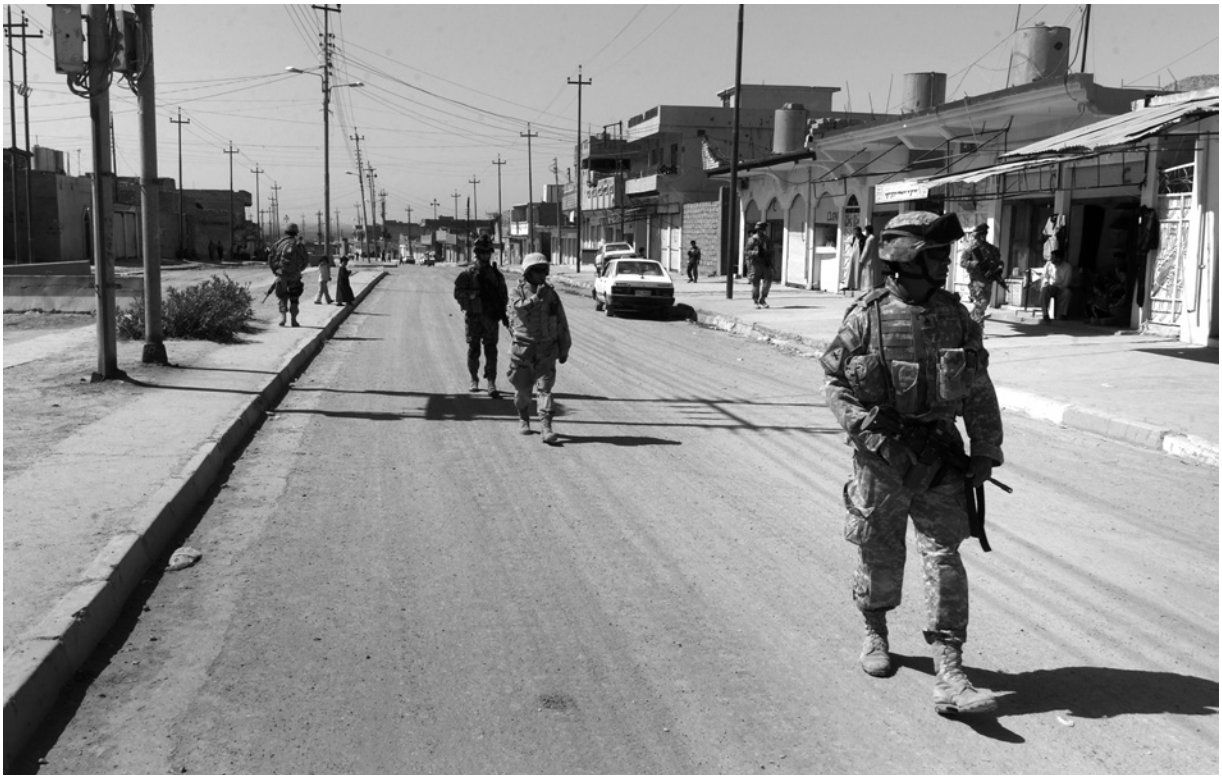
Aparentemente de acordo com outras políticas estaduais que visavam aumentar e aprofundar as divisões étnicas e religiosas, imames sunitas começaram a chegar a Tal Afar em 1988, logo após o Partido Ba'atista ter estabelecido sua comunidade de aposentados no norte.[2] Estes imames começaram a ter êxito considerável em difundir as versões extremistas de crenças islâmicas Wahhabi e Takfiri, as quais são intolerantes com os valores e crenças não apenas do ocidente, mas também do Islã xiita.

Devido ao controle firme que Saddam exerceu sobre todos os aspectos da vida iraquiana, tal atividade potencialmente discordante tinha que ser sancionada de alguma forma pelo governo. As divisões sociais e políticas produzidas pelos zelotes Wahhabi encaixaram-se tão bem com as táticas de dividir e conquistar de Saddam que a coincidência não parecia ter sido uma opção. As ações dos imames teriam sido tão atraentes a Saddam, em razão de terem colocado em suspeita, particularmente os xiitas, um grupo que o ditador pessoalmente detestava e considerava por muito tempo como aliado potencial do Irã.

Diante de uma reversão dramática das antigas condições de equilíbrio religioso e de tolerância entre os turcomanos em Tal Afar, a maioria dos xiitas continuou a ir a suas próprias mesquitas. Entretanto, a maioria da população sunita dos bairros no norte da cidade respondeu à mensagem ardente dos zelotes Wahhabi e começou a agir com animosidade contra os xiitas. Sem surpresa, graves tensões e divisões sectárias surgiram onde nunca tinham existido antes. Hoje, o legado das tensões entre as comunidades xiitas e sunitas de Tal Afar continua a exacerbar a discórdia política e social que domina a cidade.

Os Insurgentes Desmascarados

Ao rever a formação planejada do norte de Tal Afar e de outras áreas no Iraque como baluartes da lealdade ba'atista e sunita é parcialmente uma novidade que, no período após a queda de Saddam em 2003, vários líderes da Coalizão manifestaram surpresa, confusão e até negação sobre a rapidez que uma insurgência relativamente bem organizada surgiu. Algumas pessoas importantes da Coalizão ainda recusam a reconhecer o óbvio e, ao invés disso, afirmam que a insurgência é principalmente uma conspiração terrorista alimentada por estrangeiros trabalhando para Osama Bin Laden. O maior problema com esta asserção é que muito poucos dos insurgentes capturados ou eliminados eram estrangeiros. Esses indivíduos, certamente, desempenham um papel especial na insurgência como homens-



Departamento de Defesa

Ruas amplas, boas instalações elétricas e água encanada sinalizam as "comunidades de aposentados," no norte de Tal Afar. Soldados do Exército dos EUA da 1ª Brigada da 1ª Divisão Blindada patrulham as ruas em Tal Afar, Iraque (9 de abril de 2006).

Departamento de Defesa

A parte sul da cidade, principalmente xiita, permanece lotada e sem melhorias. Um soldado da 1ª Divisão Blindada executa uma patrulha em Tal Afar, Iraque (13 de fevereiro de 2005).

bomba, mas dificilmente com os números que se imagina como integrantes da força motivadora da insurgência.

Outros líderes da Coalizão reivindicam que a insurgência é principalmente o resultado do apoio do Irã por meio de uma rede de contatos xiitas. Também, essa teoria é errônea. Embora as milícias xiitas iraquianas estejam contentes em aceitar ajuda de qualquer um que a ofereça, grande parte dos xiitas iraquianos não amam muito o Irã ou o seu estilo fundamentalista de xiismo. Até mais grave que isso é o fato de parecer que os xiitas serem o alvo principal dos insurgentes. A grande maioria das vítimas civis desde 2003 era xiita. Parece que isso os elimina de serem considerados como a força principal que conduz à insurgência.

O motivo pelo qual a identidade e a motivação dos insurgentes é considerado um mistério por muitas pessoas, dado o que sabemos sobre a história de Tal Afar sob o regime de Saddam, é por si só um mistério. Mesmo assim, muitos membros da Coalizão ainda questionam sobre quem são os insurgentes, como é que conseguem coordenar sua campanha e qual é o seu efetivo, especialmente desde que a insurgência provou ser virtualmente impenetrável aos esforços de infiltração da Coalizão. Embora possa se colocar a culpa do aumento da violência, que se seguiu a queda do regime de Saddam, somente nos combatentes estrangeiros ou na intromissão do Irã, fazer isso, é não perceber a explicação mais simples e lógica, pelo menos no caso de Tal Afar, de que a insurgência está sendo conduzida por uma rede de ba'atistas bem estabelecida que ainda mantém ligações por meio de posições de autoridade e privilégio adquiridas bem antes da invasão da Coalizão. Logicamente, esta rede incluiria um grande número de ba'atistas que parecem inocentes e até cooperativos às forças ocupantes, permitindo-lhes mover-se livremente entre o público. Assim, perguntas sobre a identidade e a quantidade de insurgentes podem ser respondidas simplesmente contando-se o número de ba'atistas que tinham poder em cada região antes da queda de Saddam e, em seguida, subtrair o número de ex-ba'atistas que provaram ser pró-governo. Isso deve proporcionar uma boa estimativa do tamanho da força insurgente, incluindo seus apoiadores.

Infelizmente, esta explanação fácil leva a uma conclusão politicamente infeliz: a insurgência possui não apenas milhares ou dezenas de milhares, mas centenas de milhares, embora, a qualquer momento, apenas um número relativamente pequeno esteja de fato engajado nos combates. Ao aplicar esta lógica em Tal Afar, veremos que, provavelmente, mais de 20.000 ex-ba'atistas encontram-se de maneira geral no apoio à insurgência.

O escritor Scott Taylor corrobora com esta conclusão em sua narrativa de primeira mão sobre seu cativeiro durante a Operação *Black Typhoon*. Taylor descreve a resistência em Tal Afar como "puramente turcomana" e anota que seu primeiro encontro com um combatente estrangeiro foi

Três dias depois de chegar ao Iraque, L. Paul Bremer, o Diretor de Reconstrução e Assistência Humanitária do Iraque, remeteu um assistente ao escritório de Jay Garner, o ex-Diretor, com uma cópia da política de "de-ba'atifação"...

Garner leu. *Deus me livre*, ele pensou. *Não podemos fazer isso.*

Ele entrou em contato com o chefe do posto da CIA e pediu, imediatamente, para encontrá-lo em frente do escritório de Bremer. Quando Garner caminhou pelo corredor em direção a suíte do vice-rei, encontrou com um dos embaixadores do Departamento de Estado e explicou o que estava ocorrendo.

"Temos que evitar isso," Garner disse. "É duro demais, severo demais."

Garner e o chefe do posto da CIA entraram informalmente no escritório de Bremer.

"Jerry [apelido de Bremer], isso é severo demais," Garner disse. "Vamos ligar para Rumsfeld [Secretário de Defesa dos EUA] e ver se podemos moderá-lo."

"Absolutamente não," Bremer disse. "Eu não vou promulgá-la hoje."

Garner perguntou ao chefe do posto da CIA o que ocorreria se a ordem fosse promulgada.

"Vai marginalizar cinqüenta mil ba'atistas antes de anoitecer," ele disse. "Não faça isso."[3]

—Rajiv Chandrassekaran, *Imperial Life in the Emerald City*

quando Ansar al Islam lhe entregou um terrorista árabe em Mosul.[4] Parece que o Coronel H.R. McMaster, comandante do 3° Regimento de Cavalaria Blindado em Tal Afar durante a Operação *Resoring Rights*, concorda com a observação de Taylor. Segundo McMaster, a grande maioria dos combatentes capturados durante essa operação era iraquiano, não estrangeiro.[5] Também, não é de pouca coincidência que combatentes estrangeiros entram no Iraque, principalmente, pela sua fronteira com a última nação ba'atista no mundo, a Síria. Este país possuía muitas ligações familiares e não oficiais com o regime ba'atista do Iraque antes da queda de Saddam e era o local para onde muitos dos apoiadores de Saddam tinham fugido.[6] Além disso, um grande número de pessoas influentes de Tal Afar, que tinham laços estreitos com o regime deposto, ainda viajam relativamente sem perturbação entre a cidade e a Síria, país que possui áreas que continuam apoiar a insurgência com combatentes estrangeiros e homens-bomba.

Departamento de Defesa

Um carro de combate M1 Abrams *da 1ª Divisão Blindada do Exército dos EUA executa uma patrulha em Tal Afar, Iraque (27 de fevereiro de 2005).*

Por isso, embora não haja dúvida de que combatentes estrangeiros já proporcionaram muitos soldados (e uma grande quantidade de "buchas-de-canhão") para a insurgência, uma pessoa equilibrada que vê as coisas abertamente e pelo lado de uma perspectiva histórica chegará a uma conclusão simples: uma rede de ba'atistas estabelecida bem antes da queda do regime encontra-se obviamente ativa e conta com apoio popular em áreas-chave de Tal Afar.

Uma forte evidência secundária apóia esta contenção. Quando combatentes estrangeiros se apresentam na insurgência, freqüentemente aparecem como homens-bomba. Vários comandantes americanos comparam esses bombardeiros como "mísseis de cruzeiro humanos".[7] Na realidade, eles são semelhantes a bombas guiadas por laser, dirigidos aos seus alvos por alguém em terra que já fez o reconhecimento, determinou onde a bomba teria o máximo efeito e logo deu-se ao trabalho de contrabandeá-lo para o Iraque, armá-lo e dirigi-lo ao local do ataque. Sem esse apoio terrestre, cada homem-bomba teria dificuldade de se tornar uma ameaça significante. Então, qual deles devemos considerar como o componente mais importante de uma ameaça, o homem-bomba estrangeiro ou a rede insurgente que desenvolve a campanha para empregá-lo e facilitar seu ataque? Descascar os problemas para revelar sua essência, a Navalha de Occam sugere que o insurgente iraquiano local é o sincronizador do plano, fabricante de bombas, coordenador de ataques e propagandista e que, na realidade, é o centro de gravidade no cenário dos ataques suicidas. Em Tal Afar, a ameaça principal é a rede de ex-ba'atistas turcomanos estabelecidos por Saddam bem antes do começo da guerra atual.

Em resumo, uma longa história de resistência étnica e contrabando através da fronteira, combinadas com políticas ba'atistas de recolonização e medidas de controle antes de 2003, proporcionaram um quadro, dinâmicas sociais e uma infra-estrutura capaz de organizar uma resistência à ocupação. Durante o caos que seguiu a queda do regime, os agentes de Saddam facilmente poderiam ter explorado o status quo em Tal Afar para estabelecer e financiar redes secretas de operadores de inteligência fiéis que depois passariam a organizar células combatentes de resistência.

Os esforços organizacionais sem dúvida teriam incluído a formação de esconderijos de armas, o estabelecimento de contatos vinculados por redes para auxiliar o movimento e atividades insurgentes, o assessoramento de direção e assistência aos voluntários estrangeiros, o financiamento dos esforços de relações públicas para instigar o descontentamento e o adestramento de militantes sobre a arte da insurgência.

A hipótese mencionada acima está de acordo com a cronologia da insurgência em Tal Afar, como me foi relatada pessoalmente por um residente sunita da cidade de 30 anos. Este homem afirmou que no fim de 2003 e no início de 2004, os primeiros combatentes estrangeiros começaram a chegar a Tal Afar por intermédio da fronteira com a Síria e de outras áreas no Iraque, das quais tinham de fugir. Recebidos e abrigados principalmente nos bairros sunitas, estes estrangeiros se descreveram como *mujahadeen* e vangloriavam-se nas mesquitas e ruas locais que tinham vindo para combater os "invasores". Eles não poderiam ter chegado em massa sem convite e sem auxílio.

Também, meu contato afirmou que os líderes municipais eram os principais responsáveis para autorizar o início de operações. Entre essas, estavam atividades com o propósito de intimidar famílias xiitas a fugir de áreas específicas na parte norte da cidade. Depois, os combatentes estrangeiros ocupariam muitas daquelas casas para controlar rotas e pontos estratégicos que seriam utilizados em ações futuras. Ao mesmo tempo, a insurgência iniciou assassinatos selecionados e ataques terroristas. Um dos primeiros cidadãos de Tal Afar a ser assassinado em um ataque terrorista foi um empreiteiro sunita que estava trabalhando para os Estados Unidos e que foi eliminado porque estava ficando "rico demais". Outra vítima foi o xeque Dakhil, do clã Marhat. Rapidamente, sua posição foi assumida por Mullah Marhat, um indivíduo com antecedentes duvidosos e suspeitos.

Marhat entrou em cena sob nuvens de suspeitas. Como regra, as forças da Coalizão rotineiramente pesquisam os antecedentes de indivíduos que vão assumir posição pública. Fazem entrevista destes supostos líderes e realizam verificações de bons antecedentes, especialmente com respeito a serviço militar prévio no exército de Saddam. A experiência evidencia que a maioria dos iraquianos está contente, e até orgulhosa, de descrever o que fez no exército. No entanto, Marhat estava relutante em falar sobre seus antecedentes ou serviço militar. Além do mais, apesar de uma pesquisa de três anos, as forças da Coalizão não encontraram nenhum registro oficial sobre suas atividades prévias. Posteriormente, foi preso sobre acusações de ser um operador da rede ba'atista. Coincidentemente, logo após sua detenção, Tal Afar passou por um período de declínio de atividade insurgente violenta.

O caso de Marhat terminou com sucesso para a Coalizão, mas demonstra uma técnica surgida entre a insurgência predominantemente ba'atista: o assassinato de certos líderes proeminentes sunitas abre caminho para ex-ba'atistas assumirem posições-chave de liderança no governo, setor de negócios e tribos de Tal Afar.

Erros da Coalizão com Líderes Iraquianos

A experiência da Coalizão com Mullah Marhat mostra uma vulnerabilidade potencial em suas abordagens a situações como essas encontradas em Tal Afar. Essa vulnerabilidade-chave surge de um zelo americano típico de arrumar amigos na comunidade local e rapidamente estabelecer uma relação cooperativa de trabalho com o seu povo. Inicialmente, as unidades americanas se aproximaram de qualquer pessoa que se chamava de xeque. Infelizmente, parece que com freqüência eram enganados por pessoas que se aproveitaram da ignorância americana da comunidade turcomana em geral, e especificamente de Tal Afar, para se dissimularem como xeques.

Nossa abordagem ingênua e deselegante com as relações comunitárias foi aparente durante nossos contatos iniciais com as tribos Marhat e Jolaq, antigamente tribos relativamente secundárias dentro da hierarquia das afiliações tribais e de clã regionais dentro e ao redor de Tal Afar. O engajamento mal planejado da Coalizão com os xeques destes grupos, tais como a compra de suas armas ou entrega de comida, provou ser

um erro estratégico. Estes atos arbitrários e realizados sem considerar o impacto que tal interação poderia ter na situação local foram interpretados como atos de favoritismo visando minar o prestígio e a autoridade de outros grupos tribais, tradicionalmente dominantes. Como conseqüência, irritamos e alienamos grupos que poderiam ter agido como agentes importantes no trabalho com a Coalizão para eliminar elementos insurgentes e cooperar na estabilização na comunidade.

Também, concedemos poder a muitos xeques que estavam, supostamente, mais interessados em tirar vantagens pessoais do que ajudar outros iraquianos. A falta de progresso na redução de atos de insurgência e de reconstrução de partes de Tal Afar revelou que estes homens inescrupulosos não tinham influência suficiente para garantir a manutenção da lei e a capacidade de proporcionar informações exatas sobre os insurgentes em nossa área de responsabilidade. Por exemplo, engajamos com o xeque Mullah porque tínhamos ouvido, por meio dos boatos locais, sobre sua grande preocupação com a segurança de seu povo. No entanto, quando examinamos detalhadamente suas atividades, descobrimos que ele estava diretamente envolvido com contratos de reconstrução para benefício próprio e ganho de poder.

Tal atividade se torna especialmente perniciosa quando recursos desviados, que foram colocados disponíveis para ajudar o povo iraquiano a desenvolver sua economia, freqüentemente terminam não apenas nos bolsos de homens avarentos, mas também nas mãos dos insurgentes. É de conhecimento amplo que os insurgentes tentam obter dinheiro das forças da Coalizão para fins supostamente legítimos e depois usam o dinheiro para financiar suas atividades.

Para desmascarar e reagir contra essas práticas, a Navalha de Occam deve ser empregada estritamente ao impor-se uma prestação de contas sobre o dinheiro concedido aos xeques atuais. A inabilidade da comprovação de gastos de quantidades significantes de dinheiro ou de produzir a qualidade ou quantidade dos produtos exigidos em um contrato são forte indicadores de que os fundos estão sendo desviados ou guardados para uso futuro pelos insurgentes. Outra ferramenta analítica simples pode ser a correlação das visitas que um xeque faz à Síria com os incidentes de ataques terroristas que ocorrem quando ele regressa a Tal Afar.

Infelizmente, o precipitado engajamento com os xeques de pouco prestígio ou até mesmo falsos xeques, continuou por um tempo e contribuiu à dissensão e atividade insurgente crescente na comunidade turcomana. Conseqüentemente, os líderes xiitas sentiram-se compelidos a apelar ao Ministério do Interior para enviar forças de Bagdá. Por sua vez, como um esforço para manter-se no poder, os sunitas chamaram combatentes estrangeiros e isso precipitou o surgimento da violência.

A conseqüência foi um conflito entre os xiitas turcomanos que se aliaram com os xeques da tribo Jolaq e seus apoiadores americanos e os insurgentes sunitas ba'atistas, os quais iniciaram uma onda de ataques que conseguiu ganhar, temporariamente, o controle da parte norte da cidade. Embora os combatentes estrangeiros fossem expulsos de Tal Afar durante a Operação *Black Typhoon* em 2004, mais tarde retornaram sem molestamento quando as forças americanas partiram da cidade.

A velocidade e facilidade do retorno dos insurgentes mostram bem a qualidade e o privilégio de informações que obviamente

Departamento de Defesa

Oficiais militares se encontram com líderes municipais em Tal Afar.

estavam sendo fornecidas pelos apoiadores locais. Sem surpresa, o prefeito e chefe da polícia, ambos ba'atistas antigos, não fizeram nada para evitar o retorno dos combatentes estrangeiros, que mais uma vez levou a cidade ao caos. Desde então, o volume de combatentes estrangeiros aumentou até que o 3° Regimento de Cavalaria Blindado chegou a Tal Afar e começou a Operação *Restoring Rights* em agosto de 2005. Contudo, embora o 3° Regimento de Cavalaria Blindado tivesse cercado completamente os combatentes, muitos deles simplesmente desapareceram de Tal Afar. Isso não poderia ter ocorrido sem o auxílio dos residentes e da utilização de rotas de fuga.[8] Evidentemente, os insurgentes tinham significante apoio nativo, mas muito desse apoio não foi percebido por observadores estrangeiros.

Na análise final, qualquer um que aplicasse a Navalha de Occam à situação deveria concluir que os insurgentes não podiam ter se movido para dentro e fora das áreas ao redor de Tal Afar sem o auxílio de pessoas peritas em técnicas de esconder as armas, sem uma rede de inteligência que operasse muito bem e que fosse integrada por indivíduos com um conhecimento íntimo da geografia da área. É bem provável também que um grande número de insurgentes não fosse estrangeiro, mas integrantes da população local que podiam descartar suas armas e facilmente misturar-se uma vez mais com a população local.

A Navalha e Conhecimento Cultural

Durante as subseqüentes operações do 3° Regimento de Cavalaria Blindado, muitos supostos xeques e outras pessoas apareceram para reivindicar que controlavam áreas-chave na parte norte da cidade. Isso foi especialmente interessante — e duvidoso — porque até esse tempo, a maioria das residentes no norte de Tal Afar abertamente ridicularizara o tribalismo e sua tradição de governo de xeques, além de não haver dados catalogados de nenhum xeque habitando no norte da cidade.

No entanto, pesquisas mostraram que muitos dos residentes nos bairros no norte tinham laços íntimos com parentes que moravam na parte antiga no sul de Tal Afar, onde os xeques tradicionais da cidade residiam. Em geral, esses xeques eram homens modestos que abrigavam seus parentes e amigos que fugiam da violência sectária na parte norte da cidade.

Originalmente, a identidade de muitos desses xeques foi escondida das forças da Coalizão, mas depois de avaliar a influência provável do programa ba'atista de "arabizar" as cidades turcomanas, concluímos que as tribos com nomes arabizados no norte de Tal Afar eram, de fato, conectadas às tribos no sul com as quais a Coalizão já estabelecera uma relação. Descobrimos, por exemplo, que "Hawday," um nome proeminente no norte, era uma versão arabizada de Jarjary, o nome de uma tribo no sul. Os jarjary no norte de Tal Afar foram forçados arabizar seu nome quando entraram no exército, para se ajustar à política de assimilação imposta por Saddam. Desde então, cada vez que queríamos informações sobre membros da tribo Hawday, íamos buscá-las ao sul de Tal Afar no bairro dos jarjary. Entender esta anomalia cultural forçada nos auxiliou a se aproximar de xeques e cidadãos envolvidos, que mais tarde nos ajudaram a desmascarar os membros hostis da tribo Hawday.

Conclusões

Apesar do desejo de muitos oficiais, uma porção significante dos iraquianos não quer a democracia. Para eles, o conflito é dirigido principalmente por ba'atistas leais que querem adquirir uma parte de seu antigo poder sem as algemas limitantes do processo democrático. Qualquer solução que formularmos para a insurgência atual deverá levar isso em consideração. Devemos reconhecer que o Partido Ba'ath, proeminente sunita, está desempenhando um papel maior na direção da insurgência e, então, fazer nossos planos de acordo com esse dado.

Em Tal Afar, sem dúvida isso é a verdade. Nesse lugar, nosso inimigo consiste principalmente de membros do Partido Ba'ath que foram treinados como soldados de Saddam e estão preparados para travar uma guerra até que recebam alguma medida do status que perderam. Rixas religiosas, étnicas e sectárias certamente estão complicando a situação, mas a insurgência está

sendo travada principalmente pelos antigos ba'atistas. Depois de desaparecer nos fundos, estes homens estimularam desafeição e a divisão no Iraque para satisfazer seus próprios interesses. É mais por conveniência do que por convicção religiosa que já adotaram "Allah Hu Akbar" como seu grito de guerra em vez de "Saddam, Saddam."

Se o problema em Tal Afar é essencialmente o produto de uma rede cada vez mais bem organizada de membros ba'atistas residentes que operam em cooperação com ba'atistas iraquianos que moram na Síria e em outros lugares, o caminho para frente parece óbvio: formular uma solução que satisfaça suas aspirações, talvez proporcionando-lhes uma porção do poder, enquanto, eficazmente, agir para desmantelar sua rede.

A Navalha de Occam sugeria que o engajamento com os insurgentes e seus apoiadores no norte de Tal Afar por intermediário dos xeques verdadeiros que controlam as famílias sunitas na parte sul da cidade é a maneira mais simples e mais exeqüível para derrotar a insurgência. Tratar diretamente com estes líderes será mais produtivo que nossa prática atual de engajar com poucos xeques cujos nomes nos foram passados pelas unidades prévias.

Também devemos adotar o conceito de anistia para aqueles que desejam voltar a uma vida normal, até para os que já mataram membros da Coalizão. Os insurgentes que não têm esperança de um trabalho ou de uma posição na nova sociedade iraquiana não terão razão nenhuma para parar de lutar; de fato, terão toda a razão para continuar. Também nos beneficiaremos ao engajar os imames radicais de uma maneira similar, se não por outra razão do que a coleta de inteligência sobre eles e seus adeptos.

Em fim, o objetivo único deste engajamento deve ser a segurança da população xiita e a conformidade da lei da população sunita. Reuniões combinadas com xeques sunitas e xiitas talvez possam ajudar os turcomanos a se reconciliarem e, quanto mais cedo isso ocorrer, mais cedo a lei e a ordem serão restabelecidas. A inquietação de Tal Afar foi o resultado de pessoas locais tentando formar uma base de poder, não de atos aleatórios arquitetados por terroristas. Trazer um líder-chave de Bagdá para unir a cidade, indenizar famílias pela morte de parentes e resolver disputas tribais (algumas das quais, nós, inconscientemente, tomamos parte) deve ser nosso próximo passo. Outro passo importante deve ser a identificação dos antigos ba'atistas e indivíduos com experiência militar prévia.

Também, um exame detalhado nos antigos ba'atistas talvez mostre algumas surpresas. É admissível assumir que pelo menos alguns curdos e xiitas desempenharam um papel no exército sectário de Saddam. Existem xiitas e curdos que estão operando contra nós em Tal Afar hoje? Não saberemos até que façamos um levantamento da população para identificarmos antigos ba'atistas.

Tal Afar pode se tornar um exemplo padrão, uma democracia em funcionamento em forma de miniatura. Mas antes disso, devemos empregar o princípio da Navalha de Occam moderada com o entendimento cultural dos turcomanos para ajustar nossa linha de ação. Apenas o engajamento não sectário, no qual a Coalizão não escolhe lados, conduzirá para avanços operacionais e de inteligência necessários à estabilização de Tal Afar. Atualmente, existe uma força de segurança iraquiana substancialmente maior e mais confiável em Tal Afar. A cidade tem um prefeito poderoso e popular, mas uma ameaça futura à cidade não deve ser minimizada. Não podemos, de boa intenção, entregar Tal Afar às Forças de Segurança Iraquianas até que a Coalizão tenha estabilizado a situação de segurança na área.***MR***

REFERÊNCIAS

1. METZ, Helen Chapin. *Iraq, A Country Study* (Nova York: Kessinger, 2004), p.85. **Metz é a minha fonte principal para a informação sobre a história turcomana** neste artigo.

2. Informações obtidas por entrevistas pessoais e debriefings conduzidos pelo autor em Tal Afar, 2006.

3. CHANDRASSEKARAN, Rajiv. *Imperial Life in the Emerald City: Inside Iraq's Green Zone* (Nova York: Alfred A. Knopf and Random House, 2006), pp. 70-71.

4. TAYLOR, Scott. *Among the Others: Encounters with the Forgotten Turkmen of Iraq* (Ottawa, Canadá: Esprit de Corps Books, 2004), pp. 208-228.

5. Entrevista de *Frontline* com Coronel H.R. McMaster, disponível em: <www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/insurgency/interviews/mcmaster.html>.

6. CAMBANIS, Thanassis. "Iraq's Ba'thists Rebound on Two Fronts," *Boston Globe*, 15 de maio de 2005, disponível em: <www.boston.com/news/world/middleeast/articles/2005/05/15/in_iraq_outlawed_baathists_rebound/>.

7. Experiência pessoal do autor.

8. Análise pós-ação do 3º Regimento de Cavalaria Blindado durante a Operação *Restoring Rights*, arquivos regimentais, Forte Hood, Texas.